



VIVÊNCIA NO QUILOMBO JECAREQUARA - PARÁ: Relatos de luta, cultura, identidade e pertencimento.

NASCIMENTO, Catarine Santos do ¹
PASSOS, Gabrielle Kelly Lima ²
SANTO, Crislaine Rosario do Espírito ³
SANTOS, Sabrina da Silva ⁴
CONCEIÇÃO, Wendson Correa ⁵
OLIVEIRA, Tatiana de Castro ⁶

RESUMO:

O artigo aborda a importância da vivência no território quilombola Jacarequara, no Pará, para a formação docente. Seu objetivo é analisar o impacto dessa experiência no desenvolvimento profissional dos futuros educadores e estabelecer relações de aprendizagem com a comunidade quilombola. Adotou-se uma abordagem que incluiu a pesquisa bibliográfica e documental para ampliar o conhecimento sobre a história e as demandas da comunidade, além da vivência direta no território. A experiência proporcionou um contato significativo com a realidade quilombola, permitindo uma compreensão mais profunda das singularidades da comunidade. O artigo destaca a importância da valorização da cultura e identidade quilombola no contexto educacional, reforçando a necessidade de uma educação mais inclusiva e respeitosa à diversidade cultural.

PALAVRAS-CHAVES: Vivência; Território Quilombola; Formação Docente; Cultura.

1 INTRODUÇÃO

O PIBID possui uma dinâmica muito própria de iniciação à docência, dentre elas experiências e vivências “do lado de fora”. Durante a vivência participamos de

¹ Graduando em Pedagogia, Bolsista, PIBID, UFPA, Campus Belém, Catarine021@gmail.com

² Graduando em Pedagogia, Bolsista, PIBID, UFPA, Campus Belém, Gabriellekellylima@gmail.com

³ Graduando em Pedagogia, Bolsista, PIBID, UFPA, Campus Belém, crislainerosario@gmail.com

⁴ Graduando em Pedagogia, Bolsista, PIBID, UFPA, Campus Belém, Sabrinassoff@gmail.com

⁵ Graduando em Letras, Bolsista, PIBID, UFPA, Campus Belém, Wendson.conceição@iced.ufpa.br

⁶ Professora da Educação Infantil da carreira EBTT, Mestra em Educação, supervisora de área, Bolsista, PIBID, UFPA, Campus Belém, oliveiratati@gmail.com



momentos únicos como: a vivência no MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) no território localizado no estado do Pará; a participação no Jura (Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária) que aconteceu em um espaço ao ar livre

na UFPA campus Belém; conhecer o território quilombola Jacarequara que fica localizado no estado do Pará, inclusive o território escolhido é o território de uma das integrantes do PIBID que nos acolheu e organizou todo o processo de vivência. Diante disso, nos deslocamos até o território para compreender as singularidades da comunidade. Outrossim, a experiência da vivência no território quilombola Jacarequara foi de suma importância para nossa formação docente. Ao adentrar nesse contexto, o coletivo Pibid teve a chance de conhecer um pouco da riqueza cultural e histórica do quilombo Jacarequara.

O presente trabalho tem como objetivo dissertar acerca da importância da vivência para a formação docente, refletir sobre o impacto que essa experiência tem na construção profissional dos futuros educadores, assim como, proporcionar relações de aprendizagens com o povo que se reconhece quilombola, os quais tem um marco na história de luta por educação, cultura, identidade e pertencimento.

O coletivo Pibid por meio dessas vivências e de outras atividades propõe o ensino-aprendizagem de forma dialética, onde todos têm a oportunidade de falar e de ouvir, possibilitando uma aprendizagem por meio da interação. Visto que, de acordo com Konder (2008, p.6. apud Sartre 2002) “No curso da ação, o indivíduo descobre a dialética como transparência racional enquanto ele a faz, e como necessidade absoluta enquanto ela lhe escapa, quer dizer, simplesmente, enquanto os outros a fazem”. Portanto, por meio da dialética podemos compreender a realidade concreta, por isso, a interação direta com os moradores do território quilombola proporcionou um aprendizado que vai além dos livros didáticos, enriquecendo a bagagem cultural dos educadores.

Ao vivenciar o território quilombola, nós do coletivo do PIBID, estivemos em contato direto com a realidade histórica e contemporânea das comunidades afrodescendentes. De acordo com Campos (2016, p.109) “A educação deve ser vista sempre como um instrumento de formação e transformação e não como um meio de inferiorizar e ocultar os sujeitos” Desse modo, o combate ao racismo dentro dos



espaços escolares é também uma responsabilidade intrínseca à docência, pois no dia a dia do ambiente escolar nos deparamos com situações adversas na qual temos que intervir. Portanto, essa experiência oferece ferramentas concretas para desconstruir estereótipos, a fim de que sejamos educadores ativos em prol de uma educação antirracista que valoriza a diversidade e combate qualquer forma de discriminação.

Ademais, destacamos que as aulas ministradas em ambientes não escolares são fundamentais para que os educadores enxerguem maneiras de ultrapassarem as barreiras físicas das salas de aulas propondo aulas mais dinâmicas, incentivando os alunos a desenvolverem habilidades de observação, pesquisa e análise crítica. Ao vivenciar o conhecimento em contextos reais, os estudantes têm a oportunidade de conectar teoria e prática, tornando-se agentes mais engajados e reflexivos em sua jornada educacional.

2 METODOLOGIA

Diante do exposto, para aprofundarmos o trabalho, utilizamos da pesquisa bibliográfica, pautada em autores como Konder (2002), Oliveira e Candau (2010), Campos (2016), Antônio Bispo (2016/2018) e Uchôa, Chaves e Pereira (2021) os quais abordam a importância da vivência para futuros docentes, educação, cultura, identidade e pertencimento do povo quilombola, além da pesquisa documental com a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 e a Constituição Federal de 1988. Essa vivência no território quilombola de Jacarequara-PARÁ foi-nos oportunizada através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que tem por objetivo a vivência de futuros docentes nos espaços escolares, no qual proficientemente contribui para a formação e pesquisa, a professora Maria da Glória Gohn (2005) diz que falar sobre pesquisa na área da educação é um ato pedagógico de aprendizagem que ocorre na relação entre os sujeitos envolvidos, sob esse ponto de vista, o PIBID viabiliza relações entre a escola, professores atuantes, sujeitos engajados na educação e professores em formação. A partir disso, utilizaremos dessa experiência para fomentar a importância de oportunizar para futuros professores aprendizagens em ambientes não escolares, bem como, refletir as lutas por educação, cultura, identidade e pertencimento do povo quilombola.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na história do Brasil, o quilombo em sua construção no território nacional é símbolo de força e resistência. Em meados do século XVII, foi construído pelo líder Zumbi dos Palmares o maior quilombo brasileiro: O quilombo dos palmares. É reconhecido por suas lutas e resistência contra a cruel escravidão dos colonizadores. Nesse parâmetro, os quilombos foram reconhecidos como espaço de refúgio dos escravos e com o intuito de derrubar esses territórios, a colônia criminalizava as diversidades culturais, religiosidade e modos de vida, porém, hoje conhecemos como território que tem cultura e identidade, há o povo que pertence e se reconhecem quilombola, por isso é crucial conscientiza-se para desconstruir o racismo a partir da história contada pelo povo do quilombo, os pesquisadores Luiz Oliveira e Vera Maria ressaltam que

A decolonialidade implica partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber. Portanto, decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas (Oliveira e Candau, 2010, p.24).

Em virtude disso, compreende-se o valor da voz do povo que durante a sua história tem lutado contra o sistema para reconhecimento de seus direitos e garantia da sua educação, cultura, e em defesa de seus territórios, os quais seus antepassados foram escravizados e resistiram ao colonialismo, portanto como é previsto no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), presente na Constituição Federal de 1988, determina que “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.”, todavia, os sujeitos interculturais e lideranças quilombolas dispostos a contribuir para a proteção cultural e da identidade do povo quilombola devem se comprometer o contra colonialismo e envolver-se entre as relações políticas que, em sua dimensão, oprime a participação

e calam o povo que pertence a esses territórios, o ativista quilombola Antônio Bispo (2018) reflete que o “Nosso Pensamento é um pensamento que nos permite dimensionar melhor as coisas, os movimentos e os espaços”, nessa perspectiva a coletividade deve estar viva e em sintonia para aprender com o povo do quilombo, oportunizar a aprendizagem a partir do ensinar de quem vive no território quilombola criando confluências de envolvimento e pensamentos, e assim estimular na sociedade o movimento crítico contra o colonialismo.

Nesse contexto, a base para decolonialidade deve ser a educação, com intencionalidade de formar cidadãos críticos para além da sala de aula, em espaços que possibilitem relações sociais e aprendizagem com o outro diante de sua história, cultura e identidade. Nas escolas básicas o dia 20 de novembro é uma data para informar e formar alunos sobre as discussões do racismo, porém, entende-se que a construção de pessoas conscientes e antirracistas fará a partir da constância, em todo o currículo escolar, como na Lei nº 11.645/08 que prevê no Art. 26 que nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. No entanto, ainda precisa de debates para implementação de atividades com a intencionalidade de tornar cidadãos interessados a romper com o racismo e desigualdades que afeta a população afrodescendente do país, bem como, possibilitar na formação de professores relações com o povo que vive e pertence aos territórios quilombolas é também um caminho positivo para autoconsciência das diversas realidades, culturas e identidades.

A experiência no quilombo Jacarequara foi profundamente edificante para nós, pois para muitos foi a primeira vez em uma comunidade quilombola. Antes dessa visita, a visão sobre os quilombos era um tanto distorcida. Embora soubéssemos que faz parte da nossa história e cultura, desconhecemos a organização interna e a atuação da liderança dentro da comunidade.

Durante nossa estadia, pudemos observar de perto a notável organização e o forte senso de coletividade presentes na comunidade, refletindo o desejo de preservar a história e a cultura quilombola. Contudo, também percebemos a ausência de narrativas mais potentes sobre as origens africanas dentro da comunidade, sendo a religião evangélica predominante, o que, inicialmente, nos causou certa estranheza,



mas não diminuiu o encanto pelo lugar, mas nos cabe o debate e reflexão sobre até que ponto é natural da comunidade ou imposição da colonização, Nego Bispo (2016) relata que “Os quilombos eram acusados de não terem religião e as comunidades eram ditas fanáticas messiânicas, como bem se vê, de serem excessivamente religiosas”, diante do relato entende-se a anulação da diversidade de vida que há nos territórios quilombolas, e a criminalização de culturas.

Acreditamos que essa experiência foi enriquecedora para nossa formação, pois, nos incentivou a reflexão sobre a diversidade cultural e a importância de reconhecer e respeitar as comunidades que, muitas vezes, são invisibilizadas. Além disso, evidenciou a necessidade de o poder público atender às necessidades básicas dessas comunidades, como acesso à saúde, direito fundamental de todo cidadão.

Estar ali, foi uma das experiências mais marcantes de nossas vidas. Estar imerso na vida comunitária, ouvir as histórias e sabedorias dos mais velhos, testemunhar a força e a determinação dos jovens em busca de educação e oportunidades, tudo isso foi uma verdadeira lição de vida. A conexão íntima com a natureza local e o modo de vida dos quilombolas foi uma experiência de conexão ancestral, que nos fez compreender melhor o presente e vislumbrar um futuro de respeito e abundância.

Participar de uma roda de conversa com as lideranças foi revelador, especialmente ao discutir o movimento pela permanência da educação na comunidade, como o projeto Quilombo Literário. Esse projeto, que oferece um cursinho preparatório para o ingresso na faculdade, é um exemplo claro de como a educação pode ser uma ferramenta de autonomia e superação das barreiras sociais.

Aprendemos que a educação é um direito de todos e que, ao nos unirmos, podemos tornar os desafios menos árduos. É crucial que os profissionais que atendem a comunidade, como médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e professores, sejam pessoas que vivem e conhecem de perto as necessidades e desafios enfrentados pela comunidade. A presença desses profissionais, que entendem a realidade local, é fundamental para garantir o acesso a direitos básicos, como saúde e educação de qualidade.

O projeto de mulheres empreendedoras da comunidade também é digno de destaque. Essas mulheres vendem diversos produtos, como acessórios, roupas,



**I CONGRESSO
NORTE-NORDESTE
PIBID/PRP**

peças de crochê, biscoitos, bolos e artesanato, em uma feira que ocorre anualmente. Especialmente para aquelas que são donas de casa e têm dificuldade de trabalhar fora.

Imagem 1



fonte: imagem das autoras (2024)

imagem 2



Fonte: imagem das autoras (2024)

Imagem 3



Fonte: imagem das autoras (2024)

Diante o exposto, compreendemos que é necessário que nossa prática pedagógica esteja pautada na interculturalidade e na educação antirracista, que de acordo com Uchoa, Chaves e Pereira (2021, p.65)

“O currículo pautado na interculturalidade constitui-se em uma via para a construção de uma Educação Antirracista, uma vez que é fundamentado no diálogo crítico, sem a hierarquização e subordinação cultural, também reconhece e valoriza os conhecimentos e saberes constitutivos das culturas Outras, enquanto trata dos conflitos decorrentes do convívio com a pluralidade, além de propiciar o desenvolvimento de atitudes de respeito e empatia ao outro e promover a libertação dos sujeitos discriminados e oprimidos.”

Desse modo, a cultura antirracista visa promover o enaltecimento e a conexão com a ancestralidade da cultura africana. Cultura esta que por muito tempo foi inferiorizada. Por isso é imprescindível ressignificar as diferenças, a fim de enaltecer a riqueza cultural e histórica do nosso país que é composto majoritariamente por descendentes indígenas, europeus e africanos, sendo assim, entende-se que a escola deve ser um espaço de respeito à diversidade. Logo, concluímos que a experiência no quilombo Jacarequara foi transformadora, nos ensinando a importância da valorização da diversidade cultural, da educação como ferramenta de autonomia e da atuação conjunta para a melhoria das condições de vida das comunidades quilombolas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto, compreendemos que há a necessidade de uma educação que ultrapasse as barreiras físicas das salas de aula, proporcionando aos educadores a oportunidade de vivenciar o conhecimento em diversos contextos. A história dos quilombos, símbolos de força e resistência, foi apresentada, evidenciando a importância da educação decolonial. A vivência no território quilombola proporcionou uma compreensão mais profunda da luta do povo quilombola por reconhecimento de direitos, garantia de educação, preservação de cultura e identidade. A Lei nº 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, foi um passo importante, mas ainda há desafios a serem enfrentados para a implementação efetiva dessas diretrizes no ensino básico, além disso, a lei não prevê a obrigatoriedade deste estudo nos cursos de licenciatura, dificultando a compreensão do graduando acerca da preservação da cultura e identidade dos povos quilombolas.

A experiência no quilombo Jacarequara foi transformadora, conseguimos conhecer a organização e coletividade presentes na comunidade, assim como as iniciativas locais, como o projeto Quilombo Literário, empreendedorismo das mulheres quilombolas e a utilização de ervas medicinais pela comunidade.

Em síntese, a vivência no território quilombola Jacarequara consolidou-se como um marco na nossa formação docente, nos proporcionando uma experiência enriquecedora e reflexiva. Aprendemos sobre a importância da educação decolonial, o combate ao racismo e do reconhecimento das diversas realidades culturais e identidades. A experiência no quilombo despertou uma consciência mais ampla sobre a importância da atuação dos educadores na promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BRASIL, [Congresso Nacional (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm#adctart68
Acesso em: 05 de mar de 2024. BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.



CAMPOS, L. R. **Do Quilombo à universidade**: trajetórias, relatos, representações e desafios de estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará-Campus Belém quanto à permanência. 2016. Dissertação de Mestrado em Educação.

Universidade Federal do Pará. Disponível em:
<http://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/Lals.pdf>. Acesso em: 05 de março de 2024.

KONDER, Leandro. O que é dialética. São Paulo. Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. 2008.

OLIVEIRA, Luis Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010.p.24.

SANTOS, Antônio Bispo. Modos quilombolas. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 9, p. 58-65, set. 2016.

SANTOS, Antônio Bispo. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 12, p.44-51, ago. 2018.

UCHÔA, M.M.R; CHAVES. C. A. P; PEREIRA. C. E. Currículo e culturas: a Educação Antirracista como direito humano. Revista Teias. vol.22 n. especial. Rio de Janeiro. out./dez 2021. Epub 18-Fev-2023. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/61610/40229>. Acesso em:

24 de maio de 2024.